



EDITORIAL

Uma Viagem de Cape Coast a Kingston

Reflexões sobre um Projeto Literário Transatlântico

Sara J. FRETHEIM

Editora Convidada

ORCID: 0000-0002-8960-8762

Lincoln Bishop University, Lincoln, Inglaterra
editors@AfricanChristianTheology.org

Introdução

É com alegria e um privilégio muito especial que apresento e edito esta edição especial, uma compilação dos resultados inesperados de um projeto intitulado “*Religion, Faith, and Development in Ghana and Jamaica: Connecting Transatlantic Theological Voices and Enhancing Leadership through Academic Writing Workshops Religion*” (em português, “Religião, Fé, e Desenvolvimento no Gana e na Jamaica: Conectando Vozes Teológicas Transatlânticas e Aprimorando a Liderança por meio de Oficinas de Redação Acadêmica”),” ou, mais sucintamente, o Projeto de Escrita Transatlântica (“*Transatlantic Writing Project*” em inglês ou TWP).

A prática de publicar um número especial de uma revista contendo artigos provenientes de um encontro universitário é comum. No entanto, embora esse número contenha os resultados de um projeto de escrita de dois anos, é improvável que corresponda ao que os leitores esperam. Na verdade, as palavras, ideias e sentimentos que nos passam pela cabeça como autores e oradores também pegaram muitos de nós de surpresa. Não se trata aqui de textos acadêmicos cuidadosamente elaborados, revisados e corrigidos, mas, como você verá, de textos mais crus e diretos. Vulneráveis. Sinceros. É claro que as publicações acadêmicas habituais, revistas por pares e aperfeiçoadas (artigos, capítulos de livros, monografias, etc.) também estão presentes e listadas na bibliografia no final desta edição.

Mas as obras aqui apresentadas assemelham-se mais a vidro marinho: pequenos tesouros de diferentes formas, tamanhos, tonalidades e texturas que surgiram inesperadamente durante a nossa viagem juntos. Em alguns casos, os fragmentos remetem-nos para algo que existiu no passado — pequenas lembranças de realidades mais vastas. Outros ainda têm bordas afiadas, que ainda não foram suavizadas pelo tempo ou pelas circunstâncias. Outros,

embora novos para nós, revelaram-se, após uma análise mais aprofundada, estar em gestação há muito tempo. Orações, liturgias, poemas, reflexões pessoais, apelos à ação; vozes de lamentação, empoderamento e ativismo. Como vidro marinho ao sol, todos brilham como joias coloridas, cada um à sua maneira. Antes de apresentar o conteúdo desta edição, pode ser útil dar algumas informações sobre o *ethos* (a filosofia e o caráter) e o *telos* (a finalidade e o objetivo) do projeto.

Visão geral do Projeto TWP

O *Projeto Transatlântico de Escrita* (TWP, na sigla em inglês) surgiu como um pequeno grupo de pesquisadores cristãos preocupados com o baixo número de publicações produzidas por acadêmicos e teólogos do Sul/do mundo maioritário e com as dificuldades encontradas por alguns para aceder a essas publicações; eles também partilhavam uma preocupação comum com a atual ausência de interação teológica transatlântica (Africano-Caribenho).¹ Para responder a essas preocupações, obtivemos financiamento de uma organização de caridade confessional americana, em colaboração com a USPG (United Society Partners for the Gospel, Reino Unido), para um projeto de dois anos (agosto de 2023 – agosto de 2025) reunindo participantes do Gana e da Jamaica, bem como de alguns países vizinhos da África Ocidental e das Caraíbas, para webinars de desenvolvimento de competências em redação/edição, mentoria prática e workshops presenciais em Cape Coast (Gana) e Kingston (Jamaica). O nosso objetivo era que todos os participantes saíssem com uma publicação, além de competências de redação aprimoradas e novos colegas e redes para futuras colaborações.²

Reunimo-nos como uma comunidade de colegas cristãos transatlânticos para aperfeiçoar as nossas competências redacionais, mas também para começar a (re)construir pontes teológicas transatlânticas, em particular as que ligam o Gana e a Jamaica, tendo em conta a sua importante história comum. Estabelecemos uma parceria com o Seminário [anglicano] St Nicholas (Cape Coast), o United Theological College of the West Indies e o Colégio e Seminário

¹ Para maior clareza e coerência, utilizo o termo *Africano-Caribenho* com hífen, conforme indicado numa publicação TWP co-redigida anteriormente, na qual especificámos que se destinava a designar “uma comunidade transatlântica africana e caribenha (distinta do termo *Africano Caribenho* sem hífen, utilizado para reconhecer as raízes africanas nas identidades caribenhas).” Ver Fretheim et al., “‘Drinking from the Same Well?’ African and Caribbean Theological Oversights and a Call for a Mutual (Re)connection and a Theology of Repair/Remaking,” p. 308, nota de rodapé 2.

² Uma lista atualizada das publicações relacionadas ao projeto consta da seção bibliográfica deste número. Para uma análise mais aprofundada do projeto e do seu contexto, ver Fretheim et al., “‘Drinking from the Same Well?’”

[católico romano] de St Michael (Kingston), onde fomos recebidos para workshops presenciais em julho e agosto de 2024.

A nossa parceria com o Gana e a Jamaica foi intencional, tendo em conta as suas estreitas ligações históricas e contemporâneas. De facto, no âmbito da justificação do nosso projeto, observámos que os dados disponíveis sugerem que mais africanos foram vítimas de tráfico humano do Gana (ou Guiné ou Costa do Ouro, como era então chamada) para a Jamaica do que de outras regiões de África,³ e que vestígios da língua, culinária, música e espiritualidade ganesas ainda são visíveis hoje em dia. Por outro lado, encontram-se várias influências jamaicanas no Gana contemporâneo, nomeadamente a herança crucial dos missionários morávios das Antilhas, que conseguiram estabelecer o cristianismo onde os seus homólogos missionários europeus falharam,⁴ e o *Rastafari*.⁵

Apesar destas ligações importantes, constatámos que havia pouco compromisso teológico ganês-jamaicano (e, por extensão, compromisso teológico entre África e as Caraíbas), o que consideramos importante tanto no contexto dos discursos atuais sobre reparação como para a saúde e o crescimento do Cristianismo Mundial (ou seja, em inglês, *World Christianity*). Além disso, consideramos que reunir colegas desses países e regiões, que continuam a carregar as marcas traumáticas do comércio transatlântico, era e continua a ser um importante caminho missionário para apoiar a cura, a reconciliação, a justiça reparadora e a recuperação de uma história e identidade comuns.

Traumatismo e Cura: Segurança, Ritual e Comunidade

Embora o trauma transatlântico não fosse o nosso principal tema de interesse, a dor associada a esses traumas históricos e contemporâneos estava sempre presente, seja nas instituições teológicas, nas visitas a locais históricos, na exploração de histórias pessoais ou na reflexão sobre as ligações históricas,

³ Ver, por exemplo, Trevor BURNARD, “The Atlantic Slave Trade,” p. 93.

⁴ Para mais informações sobre os missionários morávios no Gana, consulte Sara Fretheim, *Kwame Bediako and African Christian Scholarship: Emerging Religious Discourse in Twentieth-Century Ghana*, pp. 148–156.

⁵ Como explica Anna Kasafi PERKINS, uma das líderes do TWP e teóloga jamaicana: “Os chamados *rastafarianos* rejeitam os ismos e os cismas, e as referências eruditas ao *rastafarismo*, embora úteis, não correspondem à forma como eles se percebem e falam de si mesmos. Eles são *Rasta* ou *Rastafari*. A capitalização do *-I-* final indica a centralidade do *I-n-I* (ou *eu-em-eu* em português) — a presença da divindade no Rasta — e faz referência imediata ao imperador Haile I, onde o *I* é pronunciado como *pai* — e, portanto, como a palavra inglesa *eye* (olho) em vez das palavras inglesas *one* (um) ou *the First* (o Primeiro). As palavras e os sons são poderosos na vida *rasta*”. Correspondência pessoal, 13 de janeiro de 2026; tradução editorial.

eclesiásticas, organizacionais, políticas e, em alguns casos, familiares, dolorosas e complexas com essa herança transatlântica. Da mesma forma, a realidade do trabalho colaborativo dentro de um grupo muito diversificado de líderes e participantes — com diferenças de gênero, etnia, nacionalidade, tradição/confissão religiosa, estatuto socioeconômico, idade, etc. — fez com que algumas das nossas esperanças e sofrimentos estivessem mal alinhados ou invisíveis, provocando rupturas que precisavam de ser reparadas.

Conscientes de que estávamos a entrar num espaço tenso e frágil, abordámos esta questão de várias maneiras, algumas planeadas com antecedência, outras integradas à medida que avançávamos, demonstrando flexibilidade para nos adaptarmos de forma criativa às circunstâncias e às necessidades do grupo. Durante os nossos workshops presenciais, tivemos momentos de oração, reflexão e conversa em que falámos da necessidade de *nomear* para *domar e recuperar*⁶ — nomear feridas, danos, pecados, história, responsabilidade — como forma de avançar para a reparação e a cura, com base em conceitos de vários teólogos, estudiosos do trauma e psicólogos.

Richard Rohr, por exemplo, defende que a dor que não é transformada é transmitida. Ele usa uma linguagem forte para enfatizar esse ponto, que merece ser levado a sério no contexto de uma iniciativa de reparação como a nossa: “*Se não transformarmos a nossa dor, certamente a transmitiremos* — geralmente àqueles que nos são mais próximos: a nossa família, os nossos vizinhos, os nossos colegas de trabalho...”⁷ Da mesma forma, ao abordar os traumas raciais e comunitários herdados, Wendell Moss refere-se aos riscos e às realidades da “reconstituição traumática”, que define como “o nosso passado que continua a acompanhar-nos e que revivemos repetidamente”, até que o resolvamos.⁸

Com o objetivo de cultivar a segurança, a confiança e o espírito comunitário, planeámos os nossos workshops de forma a incluir pausas para refeições e períodos de descanso mais longos para promover conversas e descanso, momentos de turismo e entretenimento e, em alguns casos, estadias em casas partilhadas, com a possibilidade de tomar o pequeno-almoço juntos em pequenos grupos. Foi um esforço deliberado para promover o espírito comunitário e os laços entre os participantes. Também demos prioridade aos momentos de culto e resposta, criando liturgias e rituais para criar uma sensação de segurança, preparar e assimilar as nossas experiências num contexto

⁶ Nota do tradutor: Observe que, em inglês, trata-se de um jogo de palavras, pois *name* (nomear), *tame* (domar) e *reclaim* (recuperar) rimam.

⁷ Richard Rohr, *A Spring Within Us: A Year of Daily Meditations*, p. 123 ; tradução editorial; itálico no original. Trecho da Semana 15: Sofrimento Transformador, Dia 1.

⁸ Adam Young, apresentador, *The Place We Find Ourselves*, podcast, 6.ª temporada, episódio 107, “Racial Trauma: What’s Going On ? Part 2”, com Wendell Moss.

significativo. Como partilhou um participante num comentário anónimo: “Começar as sessões após o pequeno-almoço na capela foi divino. Foi enriquecedor” (tradução nossa).

Coisas muito interessantes aconteceram quando começámos a crescer juntos, com agendas diversas e, em alguns casos, identificando experiências traumáticas comuns relacionadas com preconceitos raciais ou sexistas; experiências de abuso e impotência em diferentes espaços; o trauma de viver em contextos de instabilidade económica de longa data;⁹ de ser vítima de marginalização, escassez e competição em contextos eclesiais, universitários e comunitários. Ao interagirem formalmente uns com os outros em workshops, momentos de culto e fraternidade informal, os participantes começaram a partilhar as suas histórias e reflexões pessoais, aproveitando a oportunidade para nomear e transformar os preconceitos e, em seguida, testemunhar coletivamente essas histórias. Surpreendentemente, um primeiro participante corajoso, seguido por vários outros, pediu para partilhar poemas que tinham composto em resposta a uma apresentação ou a um encontro transatlântico mais amplo.

Essas reações refletiam uma resposta emocional, por um lado, à gravidade das questões relacionadas ao trauma transatlântico e, por outro, ao fato de revelar e nomear as vulnerabilidades relacionadas à escrita e à publicação, bem como a rejeição e a ansiedade que afetam todos nós que corremos o risco de submeter as nossas palavras e ideias ao escrutínio público. Elas também testemunhavam o crescente sentimento de segurança e conexão que sentimos. Reservar tempo e criar um espaço para partilhar e testemunhar as histórias individuais e coletivas de cada um é um elemento-chave de qualquer trabalho de cura e reparação. Como outro participante confiou num comentário anónimo, “[o workshop presencial foi] muito mais profundo do que eu imaginava, muito além das minhas expectativas. Mobilizámos o nosso corpo, a nossa mente e a nossa alma. Não estava à espera disso, mas estou muito grato. Estou profundamente grato a todos aqueles que se atreveram a partilhar a sua história, foi muito importante para mim”.

O teólogo pastoral David A. Hogue aborda os conceitos de memória, imaginação, ritual e culto, e destaca como o ritual e o culto podem facilitar o processo de revisitação e “*re-membling*” das memórias coletivas, tanto a nível

⁹ A teóloga especialista em traumas Shelly Rambo fala sobre a dificuldade de classificar a pobreza e a carência económica na categoria de “traumas”, na medida em que não correspondem aos critérios de um evento, mas que, no entanto, como ela salienta, apresentam claramente as marcas e as consequências de um trauma. Ver Rambo, “Living in the “New Normal”: Refiguring Resurrection in the Aftermath of Trauma”, Parte 2: “Interpreting Holy Saturday through Case Studies”.

individual como coletivo, para fins de cura e redenção.¹⁰ Como observou um participante,

A unidade, a fraternidade, essa mistura de indivíduos — tudo isso está maravilhosamente entrelaçado, e não creio que fosse nossa intenção inicial, mas o Espírito Santo nos uniu de forma maravilhosa. Os muitos recursos que recebemos — a documentação impressa; e as experiências que nem sequer podemos começar a retribuir ... as experiências vividas dos rituais, a plantação de árvores e as coisas que fizemos [... Isso] foi tão enriquecedor a nível pessoal.

Da mesma forma, o psicólogo e especialista em traumas Dan Allender realizou um trabalho considerável, tanto nos seus escritos como na elaboração de programas de estudo, sobre o papel das narrativas como elemento-chave dos processos de cura.¹¹ Segundo Allender, é importante ouvir e partilhar as nossas narrativas, porque

As nossas histórias dão origem às nossas vocações, e as nossas vocações traçam o caminho para que outros descubram as suas histórias. Se aprendermos a ler bem as nossas histórias, veremos pelo menos um vislumbre, se não todo o arco-íris colorido, dos temas que nos moldam e compõem a paleta multicolorida do que realmente somos e do que devemos fazer pelo reino.¹²

Ainda haveria muito a dizer sobre o importante papel dos rituais, das narrativas e das relações interpessoais na construção de sentido e na cura dentro das comunidades transatlânticas e entre elas. No entanto, esta breve visão geral revela algo sobre a ética com que trabalhamos e sobre o objetivo mais amplo do projeto, oferecendo aos leitores um quadro útil para abordar as diversas vozes e histórias apresentadas nesta edição. Deixarei a palavra final nesta secção para outro participante, que partilhou anonimamente os seguintes comentários durante um workshop presencial:

Gostei do facto de este workshop ser “o nosso próprio workshop”. Embora tudo fosse feito para respeitar os horários, nada era apressado. O workshop ganhou vida e nós florescemos graças a isso ... Era um “workshop de escrita”, mas rapidamente se tornou muito mais do que

¹⁰ Ver David A. HOGUE, *Remembering the Future, Imagining the Past: Story, Ritual, and the Human Brain*. Em inglês, o verbo *remember* significa “lembrar-se” ou talvez “recordar/relembrar.” Mas o verbo inglês *to member* significa “tornar-se membro.” Assim, “*re-member*” é um jogo de palavras que sugere tanto o ato de recordar como a ideia do processo de reintegração num grupo ou numa comunidade. Este processo envolve tanto a memória como o reconhecimento do facto de que a pessoa que é *re-membered* é reintegrada na comunidade humana com toda a sua dignidade.

¹¹ Ver, por exemplo, o podcast e a discussão “The Role of Story,” <https://theallendercenter.org/2024/05/the-role-of-story/>.

¹² ALLENDER e LOERZEL, *Redeeming Heartache*, p. 173.

Sara J. Fretheim, *editora convidada*

**Editorial: Uma Viagem de Cape Coast a Kingston:
Reflexões sobre um Projeto Literário Transatlântico**

isso. Amizades, curas [e] laços foram criados inconscientemente, e a escrita transformou-se num exercício espiritual. (nossa tradução)

Visão Geral da Número

Na revista atual, dividimos os artigos em seções que, esperamos, despertem a curiosidade e a reflexão, graças a textos que abordam temas semelhantes e são apresentados em formatos semelhantes. Procuramos organizar as contribuições de forma a permitir aos leitores ter uma visão geral da diversidade de diálogos e perspectivas em jogo, incluindo artigos que “dialogam” entre si, uma vez que lemos autores que abordam o mesmo local e o mesmo evento sob diferentes ângulos.

Para começar, temos um segundo editorial de **Joshua Robert Barron**, coeditor desta revista e mentor do TWP. Usando o exemplo do valor do mel numa colmeia, ele oferece uma visão geral dos ricos recursos de escrita e edição encontrados em África e nas Caraíbas, ao mesmo tempo que reflete sobre os aspetos relacionados com o fornecimento de recursos do TWP. Assim como este editorial que apresenta a edição, o ensaio de Barron está disponível em inglês, francês e português.

Em seguida, a primeira secção, *Reflexões Pessoais*, começa com três ensaios curtos escritos por responsáveis de instituições teológicas e facilitadores dos nossos workshops presenciais em Cape Coast, no Gana (julho de 2024), e em Kingston, na Jamaica (agosto de 2024). **Michael Clarke**, diretor (agora aposentado) do Codrington College (Barbados) e palestrante convidado em nosso workshop em Gana, compartilha várias “reflexões instantâneas” sobre sua visita. Ele menciona, em particular, o seu encontro com um sacerdote tradicional, a sua viagem a Assin Manso para visitar o local histórico do “último banho” dos africanos vítimas do tráfico a caminho da costa e as suas reflexões sobre identidade e ascendência. Ele também escreve sobre a importância das parcerias entre instituições teológicas transatlânticas para saldar o que chama de “dívida psicológica” do comércio transatlântico, por meio de esforços intencionais para reparar as rupturas históricas. Em seguida, **Oral Thomas**, ex-diretor do United Theological College of the West Indies e um dos nossos anfitriões institucionais em Kingston, partilha as suas reflexões sobre a “narrativa”: o seu poder de criar ou destruir e o papel transformador que pode desempenhar na promoção das vozes transatlânticas. “Começar a história de um ângulo diferente pode ser transformador”, afirma. “Quem somos (*identidade*), onde vivemos (*espaço social*), como sobrevivemos no dia a dia (*experiência*) ... tudo isso deve influenciar a história que contamos”. Por fim, **Joseph Justice Bain-Doodu**, reitor do St Nicholas Theological Seminary e nosso anfitrião institucional em Cape Coast, escreve com paixão sobre a precariedade financeira que muitas instituições teológicas enfrentam em todo o mundo, incluindo a sua,

ao mesmo tempo que defende a importância constante do ensino teológico e, em particular, da formação ministerial presencial no seu contexto institucional anglicano.

As contribuições a seguir tratam de experiências vividas na Jamaica, incluindo as perspectivas jamaicanas, americanas e nigerianas sobre a visita do TWP à Seville Great House. **Donald Chambers**, em “*Honour the Memory of Our Ancestors*” (Honrar a memória dos nossos antepassados), partilha um editorial que publicou no jornal *Jamaica Gleaner*. Nele, ele relata a sua experiência como jamaicano visitando o local com colegas africanos e apela para que se dê mais atenção à manutenção dos bairros africanos do Seville Great House Heritage Park (St Ann’s Jamaica); seguido da resposta editorial do *Gleaner*. **Jessie Ini Fubara-Manuel** partilha então a experiência chocante e profundamente comovente que viveu ao descobrir, como nigeriana e membro da comunidade Ibíbio, que a sua história inclui a realidade dos Ibíbios que foram vítimas de tráfico na Jamaica, história que ela descobriu e que está registada na Seville Great House. Por fim, **Susan Felch**, consultora sênior do projeto TWP e palestrante convidada na Jamaica, reflete sobre sua experiência como americana branca visitando a Seville Great House. Ela resume magistralmente essa visita ao afirmar que “a justaposição vertiginosa da beleza tropical ... e do holocausto histórico ... provoca uma vertigem espiritual”. Ela destaca o papel da oração e do culto nesses espaços, a profunda necessidade de atenção e amizade — e de ouvir as “avós” — em oposição à culpa impotente dos brancos, a fim de trabalhar de forma significativa para a reparação.

Os dois ensaios seguintes levam-nos de volta ao Gana. **Frank Entsi Williams**, padre anglicano, participante do projeto e assistente estudantil do nosso workshop no seminário teológico St Nicholas, escreve sobre o impacto do projeto na orientação da sua pesquisa de mestrado, na qual explora o papel complexo dos africanos ocidentais no comércio transatlântico, com especial atenção às reações e ao legado da Igreja Anglicana. Numa outra perspectiva, em “*A Dutchwoman in Ghana*” (Uma holandesa no Gana), **Tessel Jonquière**, editora-chefe de aquisições da Brill e palestrante convidada no Gana, partilha as suas experiências durante a sua visita aos castelos de Elmina e Cape Coast. Ela escreve sobre o trabalho complexo e perturbador de tomar plena consciência das interseções entre o cristianismo, os interesses nacionais concorrentes e o comércio nessas empresas históricas coloniais e de tráfico de seres humanos, e levanta questões sobre culpa, vergonha, responsabilidade e reparação contemporâneas, ao mesmo tempo que observa a justaposição da descoberta fortuita de um café holandês dentro do recinto do castelo.

Os três últimos ensaios desta secção abordam, cada um à sua maneira, o papel da escrita na formação da identidade pessoal e nacional, bem como na preservação da memória e da história. Na sua primeira Reflexão Pessoal, **Donald**

Chambers reflete sobre a necessidade de continuar a revelar os elementos históricos do passado da Jamaica através dos nomes dos locais. Em seguida, passamos para **Stephen Usher**, assistente estudantil do workshop TWP na Jamaica, que partilha a sua visão da escrita como disciplina académica e espiritual, bem como o seu compromisso em registar as vozes e a história da sua comunidade. Para concluir esta secção, **Donald Chambers** apresenta uma segunda reflexão pessoal, na qual explora a liberdade revigorante que encontrou na “união da mente e do coração na pesquisa e na escrita académicas” no âmbito do TWP.

A nossa próxima secção, *Reflexões Poéticas*, começa com um pequeno ensaio intitulado “Resgatar a memória, recuperar a voz: uma reflexão teológica sobre a criação/escrita no contexto pós-escravista transatlântico”, escrito por **Victor Atta-Baffoe**, bispo de Cape Coast. Nele, ele defende com convicção a importância de dar espaço à escrita criativa no discurso teológico académico. Em seguida, apresentamos uma seleção de seis poemas. Alguns refletem as experiências dolorosas vividas durante visitas a locais históricos horríveis e reflexões sobre os traumas transatlânticos intergeracionais e a cura, nomeadamente os dois primeiros poemas: **Emmanuel Egbunu**, “Partida e regresso” e Jacqueline Porter, “Uma experiência a recordar”. **Anna Kasafi Perkins** capta então as tensões em torno das separações entre católicos e protestantes, refletindo poeticamente sobre as árvores comemorativas que plantámos em Cape Coast e Kingston no âmbito do TWP — e, neste último caso, uma no United Theological College of the West Indies e outra no St Michael’s College and Seminary, duas instituições teológicas vizinhas e nossos anfitriões comuns em Kingston, mas firmemente separadas por cercas — físicas e teológicas. Por fim, as experiências relacionadas aos desafios e vulnerabilidades da escrita são capturadas poeticamente por **Jessie Ini Fubara-Manuel** (“*I Will Not Stop!*” / Não vou parar) e **Taniecia McFarlane** (“*Illmetered*” / mal rimado). Por fim, outro poema de **Emmanuel Egbunu**, “*Prayer for a New Day*” (Oração por um novo dia), encerra utilmente esta secção, ao mesmo tempo que nos orienta para a secção seguinte.

Na terceira e última secção, *Reflexões Litúrgicas*, propomos uma seleção de orações, ensaios e liturgias que foram escritos ou adaptados especialmente para os momentos de culto durante os nossos ateliers presenciais. Ao dedicarmos tempo à visita de alguns sítios históricos e à reflexão sobre os prejuízos transatlânticos e os traumas duradouros, considerámos importante ancorar e acompanhar essas experiências através da oração e do ritual.

No Gana, organizámos um breve momento de oração e reflexão litúrgica antes de visitar o Castelo de Cape Coast. A “*Tears in a Bottle Liturgy — Ghana*” (Liturgia das Lágrimas numa Garrafa — Gana) foi adaptada para este evento por **Janice McLean-Farrell** e **Anna Kasafi Perkins** a partir de uma liturgia inédita

escrita originalmente pela reverenda **Nicole Ashwood**. Após esta visita, organizámos um “serviço ecuménico de reflexão e reconciliação” na Catedral Anglicana de Cape Coast. Os documentos para o serviço foram compilados em conjunto por vários líderes, participantes e membros do clero local, tendo as “orações de intercessão” sido escritas para a ocasião por **Daniel Justice Eshun** e **Sara Fretheim**. Janice, Anna e Daniel adaptaram o material de Nicole Ashwood para compilar “*Tears in a Bottle Liturgy — Jamaica*” (Liturgia das lágrimas numa garrafa — Jamaica), para um momento de oração e resposta organizado no túmulo dos antepassados africanos em Seville Great House, St Ann’s, Jamaica. Embora essas liturgias sejam quase idênticas, os leitores apreciarão alguns elementos distintivos das reuniões em Gana e na Jamaica. Em seguida, um ensaio de **Sara Fretheim** sobre “as palavras, a tecelagem e a reconciliação” foi partilhado durante o culto matinal no Seminário de St Michael, em Kingston, e oferece reflexões sobre a complexidade destes entrelaçamentos transatlânticos e da nossa condição humana, com uma propensão igual para o bem e para o mal. Por fim, concluímos esta edição com a “liturgia de encerramento”, escrita por **Daniel Justice Eshun** e **Janice Mclean-Farrell** para o encerramento desta série do TWP.

Respostas Encarnadas

Além de todas essas palavras, no entanto, havia ainda outras reações que desafiam a linguagem; o que a teóloga especialista em traumas Shelly Rambo chama de “*unlanguageable*” (em inglês; ou seja, *inlangível* em português, de *não* + *língua* + *-ível* — ou, mais simplesmente, “aquilo que a língua não consegue articular”).¹³ Vários investigadores especializados em traumas destacam os efeitos fisiológicos dos traumas no cérebro e no corpo, que muitas vezes têm um impacto, ou talvez mais precisamente, fragmentam a nossa linguagem, ressaltando a importância das abordagens somáticas para a cura e a reparação.¹⁴ O que não pode ser adequadamente comunicado nestas páginas são essas reações encarnadas: os convites improvisados para se mexer no final de uma sessão intensa; a dança extática durante o culto; os suspiros ruidosos, os gritos silenciosos — esses “gemidos inexprimíveis” do espírito (Romanos 8:26, ARA); as lágrimas; as risadas; as mãos cavando a terra para plantar árvores comemorativas; a caminhada e a natação; uma mão suave colocada nas costas de um vizinho abalado, conduzindo-o a um assento tranquilo; o simples facto de se sentar ao lado de um colega enquanto as lágrimas correm, de estar presente

¹³ Shelly L. Rambo, “Beyond Redemption? Reading Cormac McCarthy’s *The Road After the End of the World*”, p. 109.

¹⁴ Ver, por exemplo, Bessel van der Kolk, *The Body Keeps the Score: Brain, Mind, and Body in the Healing of Trauma* ou Peter Levine, *In an Unspoken Voice: How the Body Releases Trauma and Restores Goodness*.

e testemunhar — os corpos a reagir e a expressar sentimentos de vulnerabilidade, de risco, de tristeza e, em alguns casos, de dor pessoal e coletiva.

O escritor e ativista Darnell L. Moore afirma que, embora uma teologia da encarnação possa parecer “agradável, benéfica e curativa”, também devemos levar em conta que ouvir as narrativas do nosso corpo — e ele se refere especificamente aos corpos negros que sofreram traumas — também pode vir acompanhado de “gritos horríveis, rimas aterradoras e uivos lancinantes”.¹⁵ Certamente já testemunhámos e/ou vivemos algo semelhante e percebemos que era muito importante ter o tempo, o espaço e a flexibilidade necessários para integrar e honrar essas respostas encarnadas. No entanto, seria negligente não salientar que a alegria era igualmente palpável: as refeições, os jogos de tabuleiro e as conversas formais ou informais também eram pontuadas por muitas gargalhadas.

Os frutos de um Quadro Comunitário que leva em consideração os traumas

Durante esses momentos de partilha, rituais, visitas, aprendizagem, jogos e reflexão, ficamos surpreendidos com as emoções e reações que surgiram. E, à medida que essas reações iam surgindo, perguntámo-nos o que fazer com elas. Ao reuni-las e partilhá-las aqui, o nosso objetivo é torná-las acessíveis, a fim de convidar a uma reflexão mais profunda e a uma conversa mais ampla. Partilhamos não com uma postura triunfante, mas com hesitação; muitas coisas aqui tocam assuntos delicados e esperamos que as nossas vozes sejam recebidas com benevolência.

A nossa esperança ao partilhar estes artigos é quádrupla. Em primeiro lugar, trata-se de um esforço para praticar e incentivar uma maior vulnerabilidade e transparência académicas. Como grupo de académicos e eclesiais-académicos, estamos mais habituados a publicar os nossos resultados e análises de investigação formais ou talvez a apresentar sermões refinados. No entanto, no âmbito do desenvolvimento das nossas competências de escrita, temos frequentemente referido a vulnerabilidade inerente à escrita como um ato de risco e criatividade. Os trabalhos aqui apresentados são, em muitos casos, mais pessoais e talvez inesperados numa revista académica; mas eles testemunham a riqueza que surge quando damos espaço à reflexão, à conversa e ao compromisso litúrgico. E, neste contexto transatlântico de cura e reparação, é essencial ter esse espaço. Esperamos que isso incentive outras pessoas a fazer o mesmo e a partilhar as suas opiniões com confiança, sejam elas académicas, poéticas, militantes, pastorais ou outras!

Em segundo lugar, esta coleção pretende ser um ponto de partida acessível

¹⁵ Darnell L. Moore, “Theorizing the ‘Black Body’ as a Site of Trauma: Implications for Theologies of Embodiment”, p. 18; a nossa tradução.

para aqueles que começam a explorar a história, a teologia e/ou os discursos atuais sobre justiça restaurativa relacionados com o tráfico transatlântico e a escravidão de africanos nas Caraíbas e em África. Trata-se de questões pesadas e complexas, e pode ser intimidante não saber por onde começar — seja como pesquisadores, financiadores, instituições, igrejas ou simplesmente como pessoas interessadas. Esperamos que essas reflexões honestas e diretas constituam, para um amplo leque de leitores, um ponto de partida acessível para uma conversa mais aprofundada.

Em terceiro lugar, esperamos que estes artigos sejam corretamente entendidos como o resultado de um trabalho intencional no âmbito de um modelo que leva em consideração os traumas. Isso incluiu, em particular, a criação de espaços de segurança e confiança, a integração da liturgia e dos rituais, bem como o desenvolvimento de laços e integração pessoais e interpessoais. Como frequentemente se observa, escrever é sempre um ato vulnerável; mas, especialmente nestes contextos complexos de traumas históricos e contemporâneos, as abordagens mais clássicas dos encontros académicos — que muitas vezes se baseiam em estruturas de poder e hierarquias explícitas ou implícitas — são provavelmente menos úteis e podem, na verdade, perpetuar ainda mais os preconceitos. Esperamos que, ao ler e se interessar por estas ricas publicações (incluindo as listadas na bibliografia do projeto TWP incluída nesta edição), outros sejam encorajados a privilegiar abordagens que levem em conta os traumas em seus trabalhos académicos.

Por fim, partilhamos estas obras na esperança de incentivar a continuação do diálogo *Africano-Caribenho*. Observamos que a TCA pretende ser um meio de estimular e envolver

os professores de teologia e os líderes religiosos a abordar questões relevantes que a igreja e a sociedade enfrentam em África. A *Teologia Cristã Africana* está ao serviço de toda a África e constitui um local de diálogo entre as diferentes regiões africanas. Serve assim como um órgão através do qual as vozes africanas podem dirigir-se ao cristianismo mundial (“World Christianity”) no seu conjunto.¹⁶

Como já mencionámos noutra local, esta reflexão não se limita ao continente, mas estende-se a uma diáspora muito vasta, incluindo as Caraíbas. De facto, na sua obra *Caribbean Contextual Theology: An Introduction* (Teologia Contextual Caribenha: uma introdução), o teólogo contextual das Bahamas Carlton Turner (outro palestrante convidado no Gana) utiliza ao longo do livro o termo “Africano Caribenho” (sem hífen) como marcador geográfico e identitário, lembrando-nos essa história e identidade comuns, bem como a necessidade de

¹⁶ Este texto está impresso nas páginas iniciais de cada número da revista. Ele também aparece na página “Sobre” do site da revista, <https://africanchristiantheology.org/index.php/act/about>

um questionamento e integração contínuos. Esperamos que esta edição encontre leitores nas Caraíbas e que os académicos cristãos afro-caribenhos encontrem na TCA um suporte útil para as suas futuras publicações. Estamos entusiasmados com a ideia de que estas conversas teológicas transatlânticas continuem a desenvolver-se e a florescer!

Como nota editorial, devido à natureza destes artigos, eles não foram submetidos ao processo tradicional de revisão por pares, mas foram todos analisados e aceitos para publicação pelos quatro diretores editoriais da TCA, bem como por alguns membros do comité editorial da TCA. Eles foram submetidos apenas a uma revisão leve (com exceção dos poemas, que são publicados tal como foram recebidos), a fim de preservar, tanto quanto possível, a voz dos autores, promovendo ao mesmo tempo uma certa uniformidade e em conformidade com as diretrizes de publicação da revista.

Expressamos a nossa profunda gratidão aos nossos financiadores, líderes, mentores, anfitriões institucionais e participantes, que tornaram o TWP não só possível, mas também extremamente produtivo; bem como aos colaboradores aqui presentes, que generosamente partilharam uma parte de si mesmos. Gostaríamos também de expressar a nossa sincera gratidão a Joshua Robert Barron, à equipa editorial e aos colegas da TCA pelo seu caloroso apoio e ajuda preciosa na realização desta edição especial. Tal como o participante que descobriu que um workshop de escrita se tornou inesperadamente “muito mais”, esperamos que os leitores que vieram em busca de conteúdo académico também encontrem “muito mais” nestas páginas.

Bibliography

- BURNARD, Trevor. “The Atlantic Slave Trade”. Capítulo 5 em *The Routledge History of Slavery*, ed. Gad HEUMAN and Trevor BURNARD, pp. 80–98. Routledge Histories. Londres: Routledge, 2011.
- FRETHEIM, Sara J. *Kwame Bediako and African Christian Scholarship: Emerging Religious Discourse in Twentieth-Century Ghana*. Eugene, Oregon, Estados Unidos: Pickwick Publications, 2018.
- FRETHEIM, Sara, Daniel Justice ESHUN, Janice MCLEAN-FARRELL, Anna Kasafi PERKINS, e Jo SADGROVE. “Drinking from the Same Well? African and Caribbean Theological Oversights and a Call for a Mutual (Re)connection and a Theology of Repair/Remaking”. *Exchange* 53 (2024): 306–335. <https://doi.org/10.1163/1572543x-bja10082>
- HOGUE, David A. *Remembering the Future, Imagining the Past: Story, Ritual, and the Human Brain*. Cleveland, Ohio, Estados Unidos: The Pilgrim Press, 2003.

Sara J. Fretheim, *editora convidada*
**Editorial: Uma Viagem de Cape Coast a Kingston:
Reflexões sobre um Projeto Literário Transatlântico**

- LEVINE, Peter. *In an Unspoken Voice: How the Body Releases Trauma and Restores Goodness*. Berkley, Califórnia, Estados Unidos: North Atlantic Books, 2010.
- MOORE, Darnell L. "Theorizing the 'Black Body' as a Site of Trauma: Implications for Theologies of Embodiment". *Theology & Sexuality* 15, nº 2 (2015): 175–188. <https://doi.org/10.1558/tse.v15i2.175>
- RAMBO, Shelly L. "Beyond Redemption? Reading Cormac McCarthy's *The Road After the End of the World*". *Studies in the Literary Imagination* 41, nº 2 (2008): 99–120.
- . "Living in the 'New Normal': Refiguring Resurrection in the Aftermath of Trauma", Parte 2: Interpreting Holy Saturday through Case Studies". 7 março 2014, Boston College Clough School of Theology and Ministry. <https://www.bc.edu/bc-web/schools/stm/sites/encore/main/2014/normal-resurrection-trauma.html>
- ROHR, Richard. *A Spring Within Us: A Year of Daily Meditations*. Albuquerque, Novo México, Estados Unidos: Center for Action and Contemplation, 2016.
- "The Role of Story". Allender Center na Seattle School. Podcast e debate, 31 maio 2024. <https://theallendercenter.org/2024/05/the-role-of-story/>
- TURNER, Carlton. *Caribbean Contextual Theology: An Introduction*. Londres: SCM Press, 2024.
- VAN DER KOLK, Bessel. *The Body Keeps the Score: Brain, Mind, and Body in the Healing of Trauma*. Nova Iorque: Viking Press, 2014.
- YOUNG, Adam, host. *The Place We Find Ourselves*, podcast, temporada 6, episódio 107, "Racial Trauma: What's Going On? Parte", com Wendell MOSS, 28 fevereiro 2022, <https://adamyoungcounseling.com/racial-trauma-whats-going-on-part-2/>